

A tecnologia como auxílio à ansiedade na aprendizagem de língua estrangeira

Luana Cunha Figueiredo

Luiz Claudio Medeiros Biagiotti

Instituto Superior Anísio Teixeira

Resumo: Tendo em vista que na atualidade saber se expressar em pelo menos uma língua estrangeira, e ter o domínio de ferramentas tecnológicas são *soft skills* necessárias ao mundo do trabalho, desde cedo os jovens buscam a obtenção dessas competências. Mas como esse grupo quer que tudo aconteça muito rápido, nem sempre os resultados alcançados são os esperados. O objetivo deste artigo será mostrar que nos dias atuais é fundamental analisar as possíveis influências negativas da ansiedade na aprendizagem de língua estrangeira e como a tecnologia pode auxiliar os alunos que se sentem ansiosos ao aprender uma nova língua. O idioma tomado como instrumento para análise será o inglês.

Palavras-chave: Ansiedade. Aprendizagem de língua estrangeira. Tecnologia.

Abstract: Considering that nowadays knowing how to express yourself in at least one foreign language, and having a command of technological tools are soft skills necessary for work in general, from an early age young people seek to obtain these skills. However, as this group wants everything to happen very quickly, the results achieved are not always as expected. The objective of this article is to show that nowadays it is essential to analyze the possible negative influences of anxiety in foreign language learning, and how technology can help students who feel anxious when learning a new language. The language taken as the object for analysis will be English.

Key words: Anxiety. Foreign language learning. Technology.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a procura pela aprendizagem de um novo idioma vem crescendo cada vez mais. Falar uma língua estrangeira pode ser um diferencial e, muitas vezes, fator decisivo numa contratação para um emprego, fazendo com que profissionais ingressem numa escola de idiomas ou decidam estudar por conta própria. Outra motivação para a aprendizagem de línguas pode ser a grande influência de filmes, séries de TV, games, histórias em quadrinhos, música e da cultura pop em geral na vida cotidiana moderna, assim despertando o interesse do espectador/leitor pelo idioma original destas obras. Além disso, essa motivação pode ser meramente cultural, já que muitas pessoas desejam aprender novos idiomas, a fim de fazer viagens e imergir numa cultura diferente.

Seja qual for a motivação, a aprendizagem de língua estrangeira (LE), vai muito além de fatores linguísticos, como a morfologia, a sintaxe ou a fonética. Dessa forma, faz-se necessário apresentar a distinção entre aquisição de segunda língua e aprendizagem de língua estrangeira.

Segundo McLaughlin (1978), a aquisição de segunda língua é o processo de aprender um novo idioma em um ambiente informal e natural, normalmente na própria comunidade da língua-alvo, onde os aprendizes podem interagir com os falantes nativos. Por outro lado, a aprendizagem de língua estrangeira se refere ao processo de aprendizagem formal, já que o aprendiz está inserido num ambiente artificial, ou seja, a sala de aula, onde é exposto constantemente a regras e estruturas gramaticais. Já Balboni (1998, p. 16 apud LORENZ MARTINS, 2009, p. 66) esclarece essa distinção sob um ponto de vista biológico:

[...] a aquisição é um processo inconsciente que utiliza estratégias globais do hemisfério direito do cérebro junto com as analíticas do hemisfério esquerdo; a aquisição da linguagem faz parte estável da competência da pessoa, entra na sua memória a longo prazo. Já a aprendizagem é um processo racional, governado pelo hemisfério esquerdo e baseada na memória a médio prazo. A competência agregada é uma competência incompleta, indefinida e é ativada, de modo lento e permanente, pela competência adquirida.

Sendo assim, fica evidente que a aprendizagem de língua estrangeira pode sofrer mais implicações, já que é um processo controlado. Portanto, muitos alunos apresentam dificuldades ao aprender um novo idioma e, apesar de terem motivação, eles não conseguem desenvolver uma competência linguística satisfatória.

De forma geral, a intenção deste artigo é investigar como a tecnologia dentro e fora de sala de aula pode auxiliar o aluno que se sente ansioso a ter uma melhor experiência no aprendizado de língua estrangeira.

A ANSIEDADE

Alguns fatores podem influenciar diretamente – e de forma negativa – os estudos de LE e fazer com que o indivíduo apresente certa resistência dentro de sala de aula. Conforme MacIntyre e Gardner (1991), tais fatores são crenças, ansiedade, afetividade e baixa autoestima.

Para este trabalho, a questão da ansiedade será tomada como foco principal. Desse modo, é importante conceituar a ansiedade psicológica e a ansiedade linguística e distingui-las.

A ansiedade psicológica pode ser caracterizada por um estado de medo, apreensão e ameaça. Ela se torna patológica quando esses sintomas são exagerados e quando, normalmente, os indivíduos têm uma predisposição neurobiológica a este transtorno. Para Freud (1936), a ansiedade é um estado emocional desagradável caracterizado por uma combinação de qualidades fenomenológicas/psicológicas e medo, resultante da ação do ego às ameaças exteriores. Já Scovel (1978) afirma que a ansiedade é um estado de apreensão, um medo vago associado apenas indiretamente a um objeto.

Contudo, a ansiedade linguística, neste caso, a ansiedade na aprendizagem de língua estrangeira, vem sendo estudada há mais de 30 anos na área de Linguística Aplicada, tendo como pioneiros os estudiosos Horwitz e Cope (1986). Eles caracterizam a ansiedade dentro do contexto de sala de aula de língua estrangeira como ansiedade linguística, ou seja, uma ansiedade em que a língua é o instrumento que desperta um sentimento de ameaça ao indivíduo. De acordo com Gregersen e Horwitz (2002, p. 128):

Os adultos tipicamente se consideram indivíduos razoavelmente inteligentes, sociáveis e sensíveis a diferentes costumes socioculturais. Essas percepções são raramente desafiadas quando se comunicam na língua materna [...], entretanto, a situação muda drasticamente durante a comunicação em língua estrangeira.

Mais tarde, MacIntyre e Gardner (1991) caracterizaram a ansiedade linguística como uma ansiedade de situação específica, ou situacional, em que o aluno sente medo ou fica apreensivo em aulas de comunicação oral ou ao realizar testes, por exemplo. Muitos estudiosos também acreditam que as crenças que os alunos têm sobre aprender uma língua

estrangeira simbolizam um dos principais fatores para que eles se sintam ansiosos em sala de aula.

Um desses estudiosos foi Horwitz (1988), que conduziu um estudo chamado *Beliefs About Language Learning Inventory*, também conhecido como BALLI. Para a escritora, muitos aprendizes acreditam não ter aptidão suficiente para aprender um novo idioma, ou têm uma crença irreal em relação à dificuldade de aprender. Em outro estudo realizado por MacIntyre (1994), foi constatado que os alunos mais ansiosos subestimavam sua competência, assim gerando apreensão comunicativa e medo da avaliação negativa.

Para Young (1991), a crença dos professores também desempenha um papel importante na aprendizagem de LE. O aluno pode se sentir inibido, dependendo do método e das estratégias utilizados pelo professor dentro de sala de aula, como é o caso, por exemplo, da correção instantânea. Este tipo de correção pode fazer com que o aluno ansioso se sinta exposto, pouco confiante e apreensivo. Desta forma, o professor desempenha um papel de inibidor, e não de facilitador. Cheng (2005, p. 35 apud THEREZA JÚNIOR, 2011, p. 36) explica da seguinte forma:

Todos os alunos guardam lembranças nítidas de seus professores do passado e de suas atitudes em sala. Em alguns casos, os instrutores tinham aliviado a ansiedade de seus alunos, mas, ao contrário, algumas atitudes dos professores elevaram a ansiedade dos alunos.

Segundo Oxford (1999, apud BATISTELLA, 20, p.94), a ansiedade de alguns é decorrente do medo de receber uma correção negativa em público. Já para Tsui (1995), um bom relacionamento entre professores e alunos e/ou colegas de classe entre si ajuda na redução da competitividade. Além disso, a utilização de idades mais lúdicas, tais como músicas, jogos e filmes, reduz a ansiedade.

Deste modo, revela-se uma possível influência da ansiedade na aprendizagem de línguas estrangeiras e como o desempenho desses aprendizes pode ser afetado. O lado afetivo dos alunos adultos é constantemente colocado à prova, visto que eles procuram por autoaprovação e por ter o controle das situações ao seu redor. Quando essas situações são ameaçadas, há uma grande chance desses alunos abandonarem o estudo em consequência de uma possível experiência negativa.

Piaget e Inhelder (1990 apud PINHEIRO, 2009, p. 164) destacam que a relação afetiva do ser humano começa no ambiente familiar, local onde a criança constrói os primeiros laços afetivos e comunicativos. Quando esses laços não são bem estabelecidos por qualquer motivo

que seja, a criança se torna um adulto que pode apresentar problemas em vários âmbitos de sua vida, um deles sendo no da aprendizagem. Os autores se expressam da seguinte maneira:

A afetividade, a princípio centrada nos complexos familiares, amplia sua escala à proporção da multiplicação das relações sociais, e os sentimentos morais [...] evoluem no sentido de um respeito mútuo e de sua reciprocidade, cujos efeitos de descentração em nossa sociedade são mais profundos e duráveis. (PIAGET; INHELDER, 1990 apud PINHEIRO, 2009, p. 164).

Portanto, aprender um idioma não depende somente do lado cognitivo do aluno e de sua capacidade linguística, mas depende também do seu lado emocional.

O USO DA TECNOLOGIA EM SALA DE AULA

A sociedade atual é reflexo do período histórico pelo qual a humanidade está passando. Vivemos no mundo da cibercultura e, como consequência, o uso das tecnologias e da Internet na educação já é uma exigência comunicacional-cultural.

O deslocamento do foco das tecnologias para o processo ensino-aprendizagem depende muito da ação dos educadores em se apropriarem das tecnologias como suportes para a mediação pedagógica e não renunciarem a essa responsabilidade (CORTELAZZO, 200, p.39)

De modo geral, a tecnologia e os jogos já fazem parte do cotidiano de crianças e jovens fora da sala de aula. O mundo em que vivemos está cada vez mais globalizado e, hoje em dia, muitos professores já buscam utilizar a tecnologia como nova metodologia ao ensinar uma nova língua. A questão é: como a tecnologia pode ajudar os alunos ansiosos a terem uma melhor experiência ao aprender inglês?

A tecnologia pode e deve ser utilizada a favor do ensino, já que ela pode despertar o interesse do aluno e, sobretudo, criar um ambiente confortável para aqueles que já estão familiarizados com o mundo tecnológico.

Para a geração atual, jogar é um processo natural, pois ela cresce jogando *videogames*, o que faz com que as atitudes sejam mais ousadas e as ações mais velozes e, além disso, a juventude mostra habilidades e maneiras de encarar e resolver problemas de um modo bem distinto das gerações anteriores. Ao observar os jovens jogando, podemos notar que muitas vezes eles passam horas criando estratégias para superar desafios, interagindo com pessoas e personagens que acabaram de conhecer nos ambientes virtuais e, além disso, participando de atividades colaborativas para superar fases e chegar em um novo patamar novamente

desconhecido. Segundo Tori (2017), essas características têm sido encontradas em executivos bem-sucedidos, que atuam em um mundo cada vez mais agitado, veloz e desafiador.

No geral, os jogos podem criar um ambiente de interação e descontração, fazendo com que o aluno ansioso pare de se sentir ameaçado ao fazer um exercício ou prova. No entanto, a escolha do tipo de jogo é muito importante, visto que alguns aumentam a ansiedade, como os jogos de competição. É importante buscar jogos colaborativos e de equipe, pois, dessa forma, o aluno se sentirá atraído a aprender e falar inglês de uma forma muito mais dinâmica e convidativa.

É importante ressaltar que a introdução de jogos no ensino de línguas pode resultar na possibilidade de diminuição de bloqueios criados pelos alunos em relação à aprendizagem e motivá-los, visto que os jogos podem estimular os alunos a ter atitudes mais positivas perante à aprendizagem de LE. Conforme afirmam Souza e Pataro (2009, p. 18, apud SEGANTINI, 2014, P. 13):

Os recursos tecnológicos em sala de aula podem oferecer uma grande contribuição para a aprendizagem, além de valorizar o professor que, ao contrário do que possa vir a pensar, poderá ensinar com maior segurança e estará mais próximo da realidade extraclasse do aluno.

Sendo assim, torna-se evidente que novos estímulos, como é o caso da utilização de jogos e da tecnologia em geral, pode auxiliar na aprendizagem dos alunos e ajudá-los a controlar a ansiedade linguística, visto que este tipo de metodologia aproxima os laços afetivos entre professor e aluno – fator primordial na aprendizagem de LE.

Por fim, nota-se que mudar as práticas pedagógicas, associando-as com o mundo em que as crianças e os jovens estão inseridos nos dias de hoje, traz muitos benefícios. As aulas são mais interessantes e encorajam os alunos a se comunicar e se entrosar com os colegas de classes e também com os professores.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE PRÁTICA

A seguir serão apresentadas algumas atividades que podem ser realizadas on-line por meio dos ambientes virtuais de aprendizagem para que o professor não necessite fazer a instalação de nenhuma ferramenta, assim facilitando o seu trabalho.

A realização dessas atividades tem por objetivo utilizar os recursos tecnológicos a fim de estimular os alunos a participarem das atividades, despertando o interesse destes para que eles se envolvam e pensem em conjunto.

As atividades tecnológicas estimulam a criatividade, o raciocínio lógico e a socialização/comunicação. Desta maneira, busca-se contribuir com as aulas de professores, utilizando outras ferramentas além do livro didático para a realização de uma aula. Assim, o professor pode utilizar práticas que despertam o interesse dos alunos e ajudam os que são mais ansiosos a interagir em sala de aula e se sentir mais seguros nesse ambiente. Como visto anteriormente, estreitar a afetividade do professor x aluno é fator fundamental para que a aprendizagem de língua estrangeira obtenha sucesso.

Atividade 1: karaokê.

Objetivo: apresentar músicas em inglês para os alunos no computador, fazendo com que eles cantem junto, assim estimulando a oralidade e pronúncia e fazendo com que acompanhem a letra da música, assim estimulando a leitura.

Metodologia: dividir a turma em grupos de “cantores” e “jurados”. O grupo que se sair melhor, ganha uma prenda (balas, chocolate, etc.) ao final da atividade.

Atividade 2: forca.

Objetivo: estimular o raciocínio e o vocabulário dos alunos.

Metodologia: muitos sites on-line contém o jogo da forca, então, o professor pode acessar o site e pedir que os alunos se dividam em grupos para adivinharem qual é a palavra escondida na forca. O grupo que fizer mais pontos, ganha uma prenda (balas, chocolate, etc.) ao final da atividade.

Atividade 3: palavras cruzadas.

Objetivo: estimular o vocabulário dos alunos.

Metodologia: esta atividade também pode ser facilmente encontrada em sites de jogos. Os alunos podem se dividir em grupos para competir e ver quem consegue encaixar as palavras mais rápido. O grupo que fizer mais pontos, ganha uma prenda (balas, chocolate, etc.) ao final da atividade.

Atividade 4: caça-palavras.

Objetivo: estimular o raciocínio dos alunos.

Metodologia: esta atividade também pode ser facilmente encontrada em sites de jogos. Seria interessante que, dessa vez, cada aluno tivesse a oportunidade de procurar uma palavra. Se

ele/ela não conseguir, pode pedir ajuda aos colegas para que haja uma interação entre eles. Todos ganham uma prenda (balas, chocolate, etc.) ao acertarem.

Atividade 5: abc countdown.

Objetivo: estimular o raciocínio das crianças.

Metodologia: essa atividade é voltada para crianças ou para os alunos iniciantes. O objetivo do jogo é colocar as letras do alfabeto em ordem alfabética. Como o tempo é cronometrado, os alunos devem trabalhar juntos e ajudar uns aos outros.

Atividade 6: trava-línguas.

Objetivo: estimular a pronúncia dos alunos.

Metodologia: essa atividade pode ser feita individualmente para que cada aluno fale um trava-línguas, ou pode-se dividir grupos e o grupo todo pode falar ao mesmo tempo. Os alunos aprendem um novo vocabulário, aprendem a rimar e, assim, a oralidade é estimulada. Depois da atividade, cada um pode tentar criar seu próprio trava-línguas.

Atividade 7: Google Earth

Objetivo: proporcionar um tour virtual para conhecer outras culturas.

Metodologia: essa atividade pode ser feita individualmente possibilitando que os alunos naveguem pelos locais indicados pelo professor, façam as observações do que acharam mais importante, e depois apresentem para a turma.

Atividade 8: *brainwriting*.

Objetivo: promover o protagonismo individual e coletivo dos alunos.

Metodologia: essa atividade consiste em realizar debates e discussões de ideias sobre determinado tema, assunto, desafio ou problema, fazendo com que o aluno se posicione e divida suas ideias e possíveis soluções com o grupo.

Atividade 9: mural de fatos e notícias.

Objetivo: proporcionar uma visão maior a respeito do tema ou assunto.

Metodologia: esta atividade consiste em fazer com que o aluno pesquise na internet uma notícia ou fato, em inglês, e coloque no Padlet (mural virtual), aberto pelo professor e

compartilhado com a turma, para posterior debate e aprofundamento do assunto que está sendo estudado.

Além das atividades sugeridas, o professor poderá propor atividades em que os alunos utilizem aplicativos de modo que ocorra o trabalho pedagógico do ensino do idioma de maneira significativa. Segundo Camargo & Daros (2018, p.28) tais aplicativos podem ser utilizados em conjunto com as estratégias de *storytelling* (contação de histórias), entre outras possibilidades. A seguir serão listados alguns aplicativos com as suas respectivas funções:

- Pixton – criação de quadrinhos de forma fácil e rápida.
- UtellStory – plataforma *on-line* que permite contar e compartilhar histórias com fotos, vídeos, áudio e animações.
- SonicPics – permite organizar imagens e fazer gravações, narrando sobre elas.
- SlickFlick – permite utilizar as fotos do celular para criar vídeos e animações.
- Hands – aplicativo colaborativo que possibilita que várias pessoas juntas escrevam e criem histórias com imagens, textos, áudio e animações.
- Infogr.am – ferramenta com alguns temas e interfaces para criar infográficos.
- Mind Meister – criação de mapas mentais.

Moura e Martins (2022) apontam que, com a inserção de ferramentas e das redes sociais, o aluno e o professor não mais os mesmos do passado, visto que as formas de comunicação através de *emojis*, figurinhas, chamadas *on-line* e *lives* modificaram o nível de formalidade e comportamento. Os autores ainda acrescentam que o uso da rede social indica uma nova forma de aprender o mundo.

Consequentemente, as redes sociais têm sido inseridas em contextos de aprendizagem de idiomas, fazendo com que a aprendizagem aconteça de um modo mais espontâneo e colaborativo. O compartilhamento de materiais por meio de *links*, vídeos, áudios e, até mesmo através de memes, além do retorno obtido por meio de *likes* (curtidas) e comentários, aumentam os laços entre os alunos e colaboram para a construção do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, buscou-se analisar o quanto a ansiedade influencia no aprendizado da língua inglesa, como ela se manifesta nos alunos, o quanto é importante uma boa formação

dos professores de idiomas e, sobretudo, como eles podem aproveitar as tecnologias para fins educacionais.

Além disso, pôde-se perceber o quanto os acontecimentos do mundo atual influenciam no processo de ensino-aprendizado, e o quanto as tecnologias educacionais podem contribuir para a redução da ansiedade e para que os alunos aprendam melhor.

Por fim, foram apresentadas algumas sugestões para a realização de algumas atividades, bem como para a utilização de aplicativos, de modo a tornar a aprendizagem mais ativa e significativa.

As propostas aqui relatadas não se esgotam neste trabalho e possibilitam o desenvolvimento de trabalhos futuros, em decorrência de sua aplicabilidade e efetividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALBONI, P. **Educazione bilíngue**. Guerra-Soleil: Perugia: Itália, 1998.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Crenças sobre aprendizagem de línguas, *Linguística Aplicada e ensino de línguas*. **Linguagem e Ensino**, vol. 7, n. 1, p. 123-156, 2004. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Revista/edicoes/v7n1/G_Ana_Maria_Barcelos2.pdf. Acesso em: 14 ago. 2019.

BATISTELLA, T. R. **Os efeitos das emoções no ensino-aprendizagem de inglês e na formação do futuro professor: uma análise com base no feedback corretivo oral**. Horizontes de Linguística Aplicada, ano14, n.2 Brasília: Ed. UNB, 2015.

BRUN, Milenna. Dificuldades na aprendizagem de línguas e meios de intervenção. *Sitientibus*, Feira de Santana, n. 29, p. 105-117, jul./dez. 2003. Disponível em: http://www2.uefs.br:8081/sitientibus/pdf/29/dificuldades_na_aprendizagem_de_linguas.pdf. Acesso em: 8 ago. 2019.

CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuine. **A sala de aula inovadora: estratégias para fomentar o aprendizado ativo**. Porto Alegre: Penso, 2018.

CHENG, Jian-Chang. **The relationship to foreign language anxiety of oral performance achievement, teacher characteristics and in-class activities**. 2005. p. 107. Dissertação (Mestrado em Artes) – Ming Chuan University, Department of Applied Linguistics, Taipei.

CORTELAZZO, Iolanda Bueno de Camargo. **Prática pedagógica, aprendizagem e avaliação em Educação a Distância**. Curitiba: Ibplex, 2009.

FREUD, S. **The problem of anxiety**. New York: The Psychoanalytic Quarterly Press Broadway and W. W., 1936.

FIGUEIREDO, Luana Cunha; BIAGIOTTI, Luiz Claudio Medeiros. A tecnologia como auxílio à ansiedade na aprendizagem de língua estrangeira. **Pesquisas em Discurso Pedagógico**, n.31, dez. 2022.

GREGERSEN, T.; HORWITZ, E. K. Language Learning and Perfectionism: Anxious and Non-Anxious Learners' Reactions to Their Own Oral Performance. **Modern Language Journal**, v. 86, p. 562-570, 2002.

HORWITZ, E. K. Language anxiety and achievement. **Annual Review of Applied Linguistics**, USA: Cambridge University Press, n. 21, p.112-126, 2001.

_____. The beliefs about language learning of beginning university foreign language students. **The Modern Language Journal**, v. 72, n. 3, p. 283-294, 1988.

HORWITZ, M.B.; COPE, J. Foreign Language Classroom Anxiety. **Modern Language Journal**, v. 70, n. 2, p. 125-132, 1986.

LORENZ MARTINS, Rosemari. Bilinguismo não provoca gagueira. **Revista Prâksis**, vol. 1, p. 63-68, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5255/525552620011.pdf>. Acesso em: 14 out. 2019.

MACINTYRE, P.D.; GARDNER, R.C. Anxiety and second language learning: toward a theoretical clarification. **Language Learning**, The University of Western Ontario, v. 39, n. 2, p. 251-275, 1989.

_____. Language Anxiety: Its relationship to other anxieties and to processing in native and second languages. **Language Learning**, v. 41, n. 4, p. 513-534, 1991.

_____. The subtle effects of language anxiety on cognitive processing in the second language. **Language Learning**, University of Michigan, v. 44, p. 283-305, 1994.

MCLAUGHLIN, B. **Second Language Acquisition in Childhood**. Hillsdale: Lawrence Earlbaum, 1978.

MOURA, Edielle Santos; MARTINS, Suellen Thomaz de Aquino. **Emoções no ensino e aprendizagem de língua inglesa na rede social instagram**. Disponível em: <http://www.revista2.uepg.br/index.php/uniletras>>. Acesso em 25 jun 2022.

PAGOTO DE SOUZA, Marcela Ortiz. A interação entre crenças e motivação no processo ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira. **ReVEL**, vol. 7, n. 13, 2009. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_13_a_interacao_entre_crenças_e_motivacao.pdf. Acesso em: 16 ago. 2019.

PIAGET, Jean; INHELDER, Bärbel. **A psicologia da criança**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

PINHEIRO, Márcia Regina Martins. A afetividade como auxílio à aprendizagem: Um estudo de caso em aulas de espanhol como língua estrangeira (ELE). **Revista do ISAT**. São Gonçalo, RJ, vol. 5, p. 138 a 206, 2009. Disponível em: http://www.revistadoisat.com.br/numero5/005_A_Afetividade_Marcia_Pinheiro.pdf. Acesso em: 3 set. 2019.

SCOVILL, T. The effect of Affect on Foreign Language Learning: A review of the anxiety research. **Language Learning**, v. 1, n. 28, p. 29-142, 1978.

FIGUEIREDO, Luana Cunha; BIAGIOTTI, Luiz Claudio Medeiros. A tecnologia como auxílio à ansiedade na aprendizagem de língua estrangeira. **Pesquisas em Discurso Pedagógico**, n.31, dez. 2022.

SEGANTINI, Jésus Henrique. **O uso das tecnologias na sala de aula como ferramenta pedagógica e seus reflexos no campo**. Foz do Iguaçu, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/50327/R%20-%20E%20-%20JESUS%20HENRIQUE%20SEGANTINI.pdf?sequence=1>. Acesso em: 24 nov. 2019.

SILVEIRA, Fernanda Vieira da Rocha. **Ressignificando a ansiedade na aprendizagem e uso de línguas estrangeiras através das crenças: um estudo exploratório**. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2012. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=21054@1>. Acesso em: 7 set. 2019.

SOUZA, Joamir Roberto de; PATARO, P. R. M. **Vontade de saber Matemática**. 1. ed. São Paulo: FTD, 2009.

SPIELBERGER, C. D.; GORSUCH, R. L.; LUSHENE, R. E. **Manual for the State-Trait Anxiety Inventory**. Palo Alto: Consulting Psychologist Press, 1970.

THEREZA JÚNIOR, Alcides Hermes. **Um estudo Q sobre a ansiedade na aprendizagem de língua inglesa**. 115 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Letras e Artes) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/15403/1/Diss%20Alcides.pdf>. Acesso em: 12 set. 2019.

TORI, R. **Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem**. 2 ed. São Paulo: Artesanato Educacional, 2017.

TSUI, Amy. B. M. **Introducing Classroom Interaction**. London: Penguin English, 1995.

VELOSO, Waldir de Pinho. **Como redigir trabalhos científicos**. São Paulo: IOB Thomson, 2006.

WELP, Anamaria Kurtz de Souza. A ansiedade e o aprendizado de língua estrangeira. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 44, n. 3, p. 70-77, jul./set. 2009. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/5766/4186>. Acesso em: 22 jul. 2019.

WOUK, Maria das Dores. A psicolinguística e o ensino de línguas. **Letras**, Curitiba, v. 23, p. 125-134, jun. 1975. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19662/12913>. Acesso em: 15 ago. 2019.

YOUNG, D. J. Creating a low-anxiety classroom environment: what does language anxiety research suggest? **The Modern Language Journal**, v. 75, n. 3. 1991. Disponível em: https://www.academia.edu/9357171/Creating_a_Low-Anxiety_Classroom_Environment_What_Does_Language_Anxiety_Research_Suggest. Acesso em: 14 out. 2019.

OS AUTORES

Luana Cunha Figueiredo, brasileira, graduada em Letras Português-Inglês (2020), variante em Tradução, pelo Instituto Superior Anísio Teixeira, e pós-graduada em Ensino de Língua Inglesa pela UNIFAHE (2021). Possui especialização na área de Psicologia Cognitiva pela Universidade de Cambridge (2022). Desempenhou as funções de professora de inglês em diferentes escolas de idiomas, bem como de tradutora e revisora dos pares português-inglês na Organização das Nações Unidas (ONU).

E-mail: luana.cfigueiredoo@gmail.com

Luiz Claudio Medeiros Biagiotti, brasileiro, mestre em Educação é Chefe do Centro de Ensino Virtual e de idiomas da Diretoria de Ensino da Marinha, é graduado em Arquitetura e pós-graduado em Desenvolvimento de Sistemas, Design Instrucional e Planejamento e Gestão em EAD. Professor visitante de Métodos Quantitativos Aplicados à Administração na Escola Naval, Tutor do Curso de Aperfeiçoamento Avançado em Tecnologias Disruptivas para Praças, Metodologia Didática e Capacitação de Tutores, professor de Estatística e Pesquisa Operacional e Processo Decisório na Unilasalle-RJ e professor de Tecnologias Educacionais, Educação Matemática, Estatística, Gestão Financeira e Gestão Educacional no Instituto Superior Anísio Teixeira – ISAT.

E-mail: profbiagiotti@yahoo.com.br